

EDUCAÇÃO E ETNIA: AS EFÊMERAS ESCOLAS ÉTNICO-COMUNITÁRIAS ITALIANAS PELO OLHAR DOS CÔNSULES E AGENTES CONSULARES

Terciane Ângela Luchese

Lúcio Kreutz

Resumo

O objetivo deste artigo é reconstruir brevemente a história das escolas étnicas da chamada Região Colonial Italiana no Rio Grande do Sul, a partir dos olhares registrados por cônsules e agentes consulares. Considerando os contextos culturais, sociais, políticos e econômicos que permeiam a trama histórica dos processos de imigração, em especial de italianos para o Rio Grande do Sul a partir de 1875, a análise abrange o final do século XIX e início do século XX, momento em que houve maior participação e importância desta forma de escolarização. Utilizando fontes historiográficas diversificadas, mas privilegiando os relatórios consulares, o artigo analisa esta iniciativa ímpar de organização escolar, procurando contribuir para o conhecimento da história da educação brasileira.

Palavras-chave: Etnia; escolas étnico-comunitárias italianas; cônsules.

EDUCATION AND ETHNICITY: THE EPHEMERAL ITALIAN ETHNIC-COMMUNAL SCHOOLS FROM THE PERSPECTIVE OF CONSULS AND CONSULAR AGENTS

Abstract

The article briefly traces the history of the ethnic schools in the area of Italian colonization in the state of Rio Grande do Sul, Brazil on the basis of the views recorded by consuls and consular agents. Taking into account the cultural, social, political and economic contexts that pervade the history of the immigration processes, particularly of Italian immigrants to Rio Grande do Sul from 1875 onwards, the analysis covers the end of the 19th and the beginning of the 20th century, as in this period this form of school education had its largest share and biggest importance. By using diverse historical sources, but focusing on consular reports, it analyzes this unique initiative of school organization, trying to contribute to a better knowledge of the history of Brazilian education.

Keywords: Ethnicity; Italian ethnic-communal schools; Consuls.

EDUCACIÓN Y ETNIA: LAS EFÍMERAS ESCUELAS ÉTNICO-COMUNITARIAS ITALIANAS ATRAVÉS LA MIRADA DE LOS CÓNSULES Y AGENTES CONSULARES

Resumen

El objetivo de este artículo es reconstruir brevemente la historia de las escuelas étnicas de la llamada Región Colonial Italiana en Rio Grande do Sul, a partir de las miradas registradas por cónsules y agentes consulares. Considerando los contextos culturales, sociales, políticos y económicos que traspasan la trama histórica de los procesos de inmigración, en especial de italianos hacia Rio Grande do Sul a partir de 1875, el análisis abarca el final del siglo XIX y el comienzo del siglo XX, momento en que hubo mayor participación e importancia de esta forma de escolarización. Utilizando fuentes historiográficas diversificadas, pero privilegiando los informes consulares, el artículo analiza esta iniciativa singular de organización escolar, buscando contribuir con el conocimiento de la historia de la educación brasileña.

Palabras clave: Etnia; escuelas étnico-comunitarias italianas; cónsules.

ÉDUCATION ET ETHNIE: LES ÉFÉMÈRES ÉCOLES ETHNIQUES – COMMUNAUTAIRES ITALIENNES SOUS LE REGARD DES CONSULS ET DES AGENTS CONSULAIRES

Résumé

L'objectif de cet article est de reconstruire brièvement l'histoire des écoles ethniques de la Région Coloniale Italienne du Rio Grande do Sul, à partir des regards enregistrés par des consuls et des agents consulaires. Considérant les contextes culturels, sociaux, politiques et économiques qui font partie de la trame historique des processus d'immigration, spécialement de celle des italiens, au Rio Grande do Sul à partir de 1875, l'analyse comprend la fin du XIX^{ème} siècle et le début du XX^{ème} siècle, moment où cette forme de scolarisation a été significative. En utilisant de sources historiographiques diverses, mais en privilégiant les rapports consulaires, on analyse cette initiative singulière d'organisation scolaire, en cherchant à contribuer à la connaissance de l'histoire de l'éducation brésilienne.

Mots-clés: Ethnie; écoles ethniques-communautaires italiennes; consuls.

[...] maestro Luigi Petrocchi, um benemérito insegnante, che da sei anni presta i più rilevanti servigi alla italianità e alle colonie [...] consigliando i coloni ad istruirsi, aiutandoli ad aprire delle scuolle nei punti più lontani. (Vittorio Buccelli, 1905)¹.

O presente estudo é resultado parcial da pesquisa “Escolas étnico-comunitárias na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul” que está sendo desenvolvida junto à Universidade de Caxias do Sul.

As escolas étnicas eram ‘aulas’ elementares que ensinavam as noções básicas de escrita, leitura e cálculo. Na maioria dos casos, eram instituídas por iniciativa das próprias comunidades. As que funcionavam na zona urbana, em geral, foram resultado do empreendimento das Sociedades de Mútuo Socorro. As rurais, erigidas pelas próprias famílias da comunidade que, mediante a inexistência de escolas públicas ou pela própria distância, escolhiam o professor entre os moradores, aquele que era um pouco mais instruído. A respeito disso, descrevia o cônsul De Vellutis em 1908:

Nos centros urbanos e nas sedes das colônias rurais, essas escolas são mantidas pelas Associações Italianas ou melhor, surgem sob seus auspícios. No mínimo, são as associações que fornecem o local e os móveis e utensílios necessários. Nas colônias, entre as linhas que não contam com escolas brasileiras, os nossos compatriotas procuram sustentar as próprias custas, uma pequena escola para seus filhos, confiando-a a algum colono mais instruído do lugar. Existem também algumas associações de fabriqueiros de várias capelas das linhas que se esforçam em manter abertas pequenas escolas italianas. Em geral,

¹ “[...] professor Luigi Petrocchi, um emérito ensinante, que a seis anos presta os mais relevantes serviços à italianidade e às colônias [...] aconselhando os colonos a instruírem-se, ajudando-os a abrirem suas escolas nos pontos mais distantes.” Vittorio Buccelli, 1905.

pode-se afirmar, com certa satisfação que, os nossos compatriotas tem amor à sua escola italiana. Mas os sacrifícios que eles fazem não são suficientes e tem que lutar com grandes dificuldades para conceder uma remuneração para eles sempre pesada, aos professores que são mais pobres do que eles.²

De Vellutis, mesmo descrevendo e enaltecendo o ‘amor’ que os imigrantes tinham pela escola italiana, reconhecia as dificuldades, as precariedades e apontava como principais razões as dificuldades econômicas das famílias e a concorrência com as escolas confessionais. Em suas palavras:

Afora poucas, a maior parte das nossas escolas tem uma vida difícil. Elas atravessam, enfim, neste momento um período muito crítico. Por um lado, a crise econômica, agravada pelas recentes calamidades, colocou muitos colonos numa situação de miséria. Por outro lado, somase a isso a invasão de congregações francesas que, expulsas de seu país, vieram refugiar-se nesse Estado, instalando nas colônias escolas para ambos os sexos, as quais fazem grande concorrência às nossas, porque admitem gratuitamente alunos pobres, cobrando apenas dos que podem pagar.³

Portanto, já em 1908, De Vellutis sinalizava para as dificuldades que, em outros indícios documentais também foi possível encontrar, apontando para a efemeridade dessas iniciativas.

² *O Estado do Rio Grande do Sul e a Crise Econômica durante o último quinquênio* – Extraído do Relatório do Cav. Francesco De Velutiis, Régio Cônsul de Porto Alegre, fevereiro de 1908. p. 348.

³ *O Estado do Rio Grande do Sul e a Crise Econômica durante o último quinquênio* – Extraído do Relatório do Cav. Francesco De Velutiis, Régio Cônsul de Porto Alegre, fevereiro de 1908. p. 349 a 350.

As escolas étnico-comunitárias italianas: principais características

O ensino, nas escolas étnicas, era em italiano (em geral dialetos como o vêneto) e, em alguns períodos, elas receberam material didático do Governo Italiano. Ressalta-se que os imigrantes falavam os dialetos maternos de suas respectivas regiões de origem, conheciam mal o italiano, o que, de certa forma, dificultava, inicialmente, o uso dos livros didáticos.

Entre os imigrantes italianos, as escolas comunitárias se multiplicaram principalmente na zona rural e tiveram características étnicas, especialmente pela questão da língua (dialetos).

Muitas das escolas foram organizadas pelos pais e comunidade que criavam aulas e o professor era pago para que ministrasse os conhecimentos básicos de leitura, escrita e cálculos. Essas iniciativas foram muito comuns no interior das colônias. Diversos foram os casos em que as famílias de imigrantes uniram-se para empreenderem em mutirão a construção da escola, geralmente uma pequena casa de madeira rústica, apesar de, nos primeiros tempos, as aulas terem funcionado na própria casa do professor ou em casa de alunos. Essas aulas, em sua maioria, já em meados de 1910, tinham se tornado públicas, portanto em sua maioria de efêmera duração. De acordo com o imigrante Júlio Lorenzoni, estabelecido em Dona Isabel:

A absoluta falta de escolas do Governo Brasileiro obrigava o colono a escolher as pessoas mais aptas para ensinar a ler, escrever e fazer contas àquela mocidade toda, sob pena de criarem-se na maior ignorância, verdadeiramente analfabetos. Precisavam então conformar-se com o melhor que houvesse, pois não eram professores formados os que iam lecionar, mas sim os que, na Itália, tivessem recebido uma razoável instrução e que, mediante módica retribuição, se sujeitassem a desempenhar a árdua tarefa de mestre, o que procuravam

fazer da melhor maneira. (LORENZONI, 1975, p. 126).

Entre os imigrantes havia alguns professores com formação em sua terra natal, mas seu número era insuficiente para suprir a carência, a demanda por escolas. Consoante Giron, "[...] entre os imigrantes da Colônia Caxias, apenas quatro se identificaram como professores, sendo os responsáveis pelas primeiras escolas particulares regionais. Foram eles Giacomo Paternoster, Abramo Pezzi, Clemente Fonini e Marcos Martini." (GIRON, 1998, p. 90).

Vale salientar que as escolas étnico-comunitárias foram, como ressalta Kreutz, muito importantes para os imigrantes, especialmente entre os alemães. Também refere-se a essas iniciativas como algo muito peculiar na História da Educação brasileira, caracterizando-as como iniciativas que

[...] não se desenvolveram de forma isolada, cada uma restrita a seu núcleo. Foram assumidas pelas respectivas comunidades de imigrantes, vinculadas a uma instância maior, isto é, à coordenação das respectivas confissões religiosas. Além disso, eram escolas étnicas porque retratavam aspectos culturais importantes da respectiva etnia, como língua e costumes. (KREUTZ, 2005, p. 72).

Entre os imigrantes estabelecidos na Região Colonial Italiana, houve as escolas mantidas pelas comunidades rurais que se formaram em torno da capela e também aquelas criadas e mantidas por Sociedades de Mútuo Socorro (a sua maioria estabelecidas em área urbana).

As iniciativas dos imigrantes são o resultado também das condições de ensino em que se encontrava a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, em fins do século XIX, como já referido. Conforme o estudo realizado por Schneider, durante a década de 1870, a instrução pública, no meio rural, era muito precária. Ela não podia ser regulada pelas mesmas normas que a

maioria das escolas da Província, já que os filhos de imigrantes falavam dialetos diferentes e os professores teriam dificuldades de ensinar se não compreendessem o que seus alunos falavam (SCHNEIDER, 1993, p. 356). Surgia, então, um grande problema: onde conseguir professores que compreendessem os dialetos italianos, dominassem o idioma nacional e se dispusessem a deslocar-se até as colônias e ali permanecerem para ministrar suas aulas? Destaca-se, concordando com Kreutz que:

A dimensão étnico-cultural é construída e reconstruída constantemente num processo relacional em que os grupos e indivíduos buscam, selecionam, ou relutam em função do significado que fenômenos e processos tem para eles. Por isto a educação e a escola são um campo propício para se perceber a afirmação dos processos identitários e os estranhamentos e as tensões decorrentes da relação entre culturas. (KREUTZ, 2001, p. 123).

Entre os agentes educativos principais que se mobilizaram na busca da escola podem ser citados os agentes consulares, para os quais, além da difusão dos conhecimentos elementares a escola étnica tinha o sentido de difusão da *italianità* (italianidade), discurso assumido pelas próprias associações de mútuo socorro que também tinham um cunho nacionalista.

Relembro que as Sociedades de Mútuo Socorro eram associações que assumiram, em diferentes contextos, funções de intermediação e preservação dos laços com a pátria de origem através de festividades cívicas - *italianità*, foram espaços de auxílio mútuo em caso de doença, morte ou sinistro, e muitas também assumiram atividade de ensino.

Em 1882, foi criada, em Dona Isabel, a Sociedade Artística de Mútuo Socorro Regina Margherita (mencionada no capítulo 1), que contava inicialmente com 40 sócios. Através do incentivo de Enrico Perrod, em 1884 surgiu uma escola italiana. Lorenzoni descreveu-a afirmando que:

Seu primeiro mestre foi o senhor Isidoro Cavedon, que residia na Linha Santa Eulália e o Inspetor Escolar era o Reverendo Padre João Menegotto, pároco local (...) Devido, ao ordenado mínimo que lhe era outorgado, e também à distância que o separava da família, pouco depois pediu sua demissão sendo substituído pelo senhor Santo Bolzoni. (LORENZONI, 1975, p. 123 e 124).

O terceiro professor da escola italiana, mantida pela Sociedade de Mútuo Socorro, foi o próprio Júlio Lorenzoni⁴. Em suas memórias, ele relata como foi selecionado para assumir a cadeira de professor, seus ganhos salariais e as tarefas que lhe eram incumbidas:

Prestei o devido exame perante o Inspetor Escolar e mais dois membros, no dia doze de maio daquele mesmo ano [1884]. Na sessão ordinária da sociedade, realizada no dia dezenove do mesmo mês fui aprovado para desempenhar provisoriamente o cargo de professor elementar, nas mesmas condições do meu antecessor, a saber: trinta mil-réis mensais. Tinha a obrigação de dar aulas cinco horas por dia (menos os festivos) e servir, ao mesmo tempo, de secretário da Sociedade. [...] No primeiro dia de junho abri minha escola, atendendo a nada menos que cinqüenta alunos. O local da escola, ao mesmo tempo sede da Sociedade, era uma espaçosa sala, na propriedade do senhor Henrique Enriconi, bem arejada e com luz suficiente. [...] Depois de três meses, o meu ordenado de professor foi aumentado de dez mil-réis e, com esse mísero pagamento, desempenhei o árduo serviço até dezembro de 1889 [na p.179 consta março de 1889]. Naquela ocasião, era nomeado para as funções de agente postal e deixava o meu cargo com o senhor Alberto Bott, que me substituiu. Recordo ainda, com viva satisfação, que, durante todo o tempo desempenhei o

⁴ Lorenzoni naturalizou-se brasileiro em 1887. Códice 0006, AHGM. E o solicitante assina o documento. A naturalização significava maiores facilidades de aceitação seja participando dos rumos políticos, seja podendo candidatar-se a cargos públicos como, posteriormente, o fez.

magistério nessa ex-colônia (cinco anos e sete meses), sempre teve uma frequência média superior a quarenta alunos e pude constatar que muitos desses conseguiram tirar grande proveito dos ensinamentos que, com verdadeira paixão à arte de ensinar, procurei ministrá-los. (LORENZONI, 1975, p. 123 e 124).

Lorenzoni imigrara aos 14 anos e, na Itália, freqüentara o ensino elementar. Atendeu a escola até 1889, quando foi nomeado ajudante do correio e, após, agente postal. O salário passara a setenta mil-réis mensais, uma melhora significativa se comparado ao que recebia como professor: 40 mil-réis mensais.

Foram criadas quinze escolas italianas mistas nas diversas linhas, todas, porém, dependendo da Sociedade, cujos membros se interessavam pelo seu funcionamento e lhes distribuíam os poucos recursos que possuía. O Real Consulado Italiano de Porto Alegre encaminhava à Sociedade Regina Margherita o que esta necessitava em livros e meios para atender professores e alunos, material este proveniente do Governo da Itália. A média da população escolar naquela época era de cerca de quinhentos alunos. Os subsídios às escolas rurais, por parte da Sociedade, duraram até fins de 1894, quando uma a uma foram sendo fechadas, por abandono de parte das autoridades consulares, suspendendo os subsídios, e pela falta de recursos da Sociedade para mantê-las em funcionamento. (LORENZONI, 1975, p. 124 a 126). Lorenzoni enumera as escolas mistas e rurais italianas da colônia Dona Isabel: 1ª) na Linha Pedro Salgado, mestre Santo Bolzoni; 2ª) na Linha Palmeiro, 6, mestre Luís Casanova⁵; 3ª) na Linha Palmeiro, 33, mestre Eoli Secondo; 4ª) na Linha Palmeiro, 100, mestre João Casagrande; 5ª) na Linha

⁵ Luigi Casanova chegara em 1878 no Brasil e estabeleceu-se em ¼ do lote n. 01 da linha Palmeiro. Nascido em 1850, era católico, alfabetizado e declarava-se agricultor. Casado com Cecília, em 1883 tinha 3 filhos: Ernesto de 5 anos, Isabel de 3 e Domenico de 8 meses. Havia imigrado também Antônio e Antônia Casanova, seus pais. Censo de 1883, colônia Dona Isabel, AHGM.

Palmeiro, 160, mestre Henrique Bernardi⁶; 6^a) na Linha Jansen, 47, mestre Francisco Tochetto; 7^a) na Linha Jacinto, 40, mestre Ferdinando Strapazon; 8^a) na Linha Geral - São Valentim, mestre Antônio Longhi; 9^a) na Linha Santa Eulália, 6, mestre Pedro Bassin; 10^a) na Linha Faria Lemos, 47, mestre Antônio Poletto⁷; 11^a) na Linha Graciema, 16, mestre Antônio Martinelli; 12^a) na Linha Leopoldina, 47, mestre Celestino Maines; 13^a) na Linha Leopoldina, 103, mestre Alexandre Castelli⁸; 14^a) na Linha Santa Bárbara, mestre Agostinho Brum; 15^a) na Linha Santa Teresa, mestre Félix Montanari;⁹ 16^a) na Linha Passo do Rio das Antas, mestre Carlos Cigerza.

As escolas italianas estavam todas a cargo de imigrantes que, na sua comunidade, aceitavam dedicar parte de seu tempo ao ofício de professor. Poucos eram os que exerciam exclusivamente a docência. A maioria desses professores, (observe-se que eram todos homens), somavam a atividade de ensino com o trabalho na agricultura ou com a manutenção de outra atividade econômica,

⁶ Enrico Bernardi chegara ao Brasil em 1880 estabelecendo-se no lote 182 da Linha Palmeiro. Alfabetizado, católico, nascido em 1843, casado com Amália. Em 1883 tinha dois filhos: Tancredi de 4 anos e Ercilia de 6 meses. Censo de 1883, colônia Dona Isabel, AHGM.

⁷ Antonio Poletto era de Sacile, Pordenone e imigrou para o Brasil em 1885, já casado e com filhos. Estabeleceu-se na Linha Faria Lemos, Bento Gonçalves. (GARDELIN e COSTA, 1992, p. 251).

⁸ Alessandro Castelli era filho de Antônio e Ângela Capella, nascido em Castagneto, Província de Torino, a 23 de setembro de 1848. Era militar de 2^a categoria, chegara ao Brasil em 1877, estabelecendo-se no lote 103 da Linha Leopoldina. Casou-se em 3 de março de 1878 com Maria Capalonghi, natural de Cremona. (GARDELIN e COSTA, 1992, p. 214).

⁹ Felice Montanari nasceu em 12 de outubro de 1860 em Pieve Saliceto, Província de Reggio Emilia, filho de Giuseppe e Annunciata Vilani, casou-se com Annunciata Brozzi. Chegou no Brasil em 1885 com a esposa, uma filha e duas irmãs. Estabeleceu-se no lote 136 da Linha Leopoldina. (GARDELIN e COSTA, 1992, p. 246).

seja comercial ou manufatureira. Muitos assumiram também encargos comunitários.

Em Conde D'Eu foi com a fundação da Sociedade Stella d'Itália, em 1884, que organizaram a escola italiana. Conforme os estatutos dessa Sociedade, artigos 75º a 81º, a escola italiana masculina e feminina era mantida com as mensalidades pagas pelos pais e administrada por um regulamento especial, aprovado pelo Cônsul da Itália em Porto Alegre.¹⁰

A escola mantida pela Sociedade Stella d'Itália, ao ser criada, tinha como finalidade “[...] contribuir para o progresso moral e intelectual dos filhos dos colonos sócios e não-sócios com o meio de ensinamento que é dado essencialmente em italiano, com professor italiano, testes italianos, deverá ter sempre viva recordações do alfabeto da pátria distante.”¹¹ A Sociedade, seguindo a proposta e a recomendação de seu presidente honorário, Conde Antônio Greppi, Cônsul da Itália em Porto Alegre, estabeleceu uma escola *puramente* italiana elementar, masculina e feminina. Na implantação da escola, como também no seu andamento e administração, estava encarregado o Conselho Administrativo, o qual nomearia uma comissão especial e direta para a escola. O Conselho Administrativo da Sociedade era, também, encarregado da escolha do nome do professor, estabelecendo condições relativas tanto às retribuições mensais que perceberia quanto ao número e horário de lições, à duração do tempo do ano escolar. Qualquer pai de família, sócio ou não-sócio, poderia usufruir da escola mediante pagamento. Se sócio, pagaria 500 réis mensais mandando um filho, 800 réis mandando dois filhos e 1000 réis mandando três. Para os não-sócios,

¹⁰ Estatuto da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro Stella D'Itália, 10/03/1884. Arquivo Histórico Municipal de Garibaldi.

¹¹ Artigo n. 75 do Estatuto da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro Stella D'Itália, 10/03/1884. Arquivo Histórico Municipal de Garibaldi.

mediante pagamento de 1000 réis por um filho, 1500 réis por dois filhos e de 2000 réis por três.¹²

Houve diversas associações de imigrantes italianos também nas zonas rurais. Foi o caso da sociedade Camilo Cavour, localizada na Linha Santa Eulália e fundada em 1888, e a Umberto I da Linha Jansen, fundada em 1894, ambas na antiga Colônia Dona Isabel e que atuavam na difusão da instrução. Em Caxias e em Conde d'Eu, havia várias Sociedades de Mútuo Socorro e, também nestas, como citado anteriormente, existiram iniciativas escolares e recebimento de material didático. Os subsídios fornecidos pelo governo italiano para essas escolas constituíam-se na remessa de livros didáticos e materiais de ensino. Não era previsto o pagamento dos professores, que deveriam contar apenas com as mensalidades dos alunos, no caso das escolas italianas da Região.

Válido salientar que as autoridades italianas, como os cônsules, preocupavam-se com a falta quase absoluta de instrução nos núcleos coloniais. É possível encontrar, em todos os relatórios consulares, registros que retratam a situação das colônias, mencionando a falta de escolas e a necessidade do governo italiano intervir, passando a apoiar a educação, enviando livros e material escolar. Certamente transparece a perspectiva de manutenção dos laços culturais com a Pátria-mãe, a Itália, através do ensino.

As escolas étnico-comunitárias da Região Colonial Italiana pelo olhar dos cônsules

Diversos cônsules e agentes consulares descreveram em seus relatórios a precariedade e mesmo a importância em angariar maiores investimentos por parte do governo italiano para a manutenção e melhoria das escolas étnico-comunitárias. Em visita

¹² Conforme os Artigos n. 76 a 79, do Estatuto da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro Stella D'Itália, 10/03/1884. Arquivo Histórico Municipal de Garibaldi.

às colônias enviaram relatórios descrevendo, por vezes de forma contraditória, a situação dessas escolas.

Em 1882, Pascoale Corte informou que a Colônia Dona Isabel possuía uma escola primária italiana freqüentada por 61 crianças e Caxias, duas escolas italianas.¹³

Enrico Perrod, cônsul italiano em Porto Alegre, escreveu, em seu relatório de 1883, que sua visita às colônias da serra tinha como um dos intuitos principais formar um juízo do estado intelectual e das aspirações que nutriam, quanto à instrução daqueles colonos.¹⁴ Enumerou que os mesmos lhe fizeram, em sua visita, dois pedidos apenas: estradas e escolas, já que o que eles podiam fazer a respeito já o tinham feito. Referindo-se aos custos para a instrução, constatou que os valores eram elevados:

[...] o dinheiro ainda é raro e o preço dos livros elevadíssimo. Um abecedário custa 500 réis (1,25 libras), uma pequena gramática, 1 mil réis (2,50 libras), e um simples livro de leitura, entre 2,50 e 5,50 libras. [...] Sobre uma média de rendimentos calculada em 300 franco ao ano, segundo meus cálculos, cada pai reserva pois, cerca de 60 a 70 francos para a instrução dos filhos. *E que pediram a mim? Não subsídios pecuniários, mas livros escolares.*¹⁵ (grifos meus).

Perrod lamentou afirmando que seria uma calamidade permitir que a instrução elementar se extinguisse nas colônias, e nada havia de se esperar das escolas brasileiras, já que as aflições e lamentos em relação àquelas eram constantes por parte dos colonos, e as autoridades locais pouco faziam. Assumindo uma

¹³ L'Itália all'Estero Nell'Ultimo Decênio – Studi dell'Avv. Cav. Pascoale Corte – Roma – Tipografia Ereti Bota – 1882.

¹⁴ PERROD, Enrico. Le colonie brasiliane Conde d'Eu e Dona Isabela, 1883. Apud: DE BONI, Luis A. *Bento Gonçalves era assim*. POA:EST / Caxias do Sul: Correio Riograndense / Bento Gonçalves: FERVI, 1985, p. 26 e 27.

¹⁵ Id. *Ibidem*, p. 27.

postura depreciativa com relação às autoridades locais, o cônsul pretendia enfatizar a necessidade e importância das escolas italianas. E, referindo-se exclusivamente à colônia Dona Isabel, informou:

Em Dona Isabel há uma escola pública onde leciona uma senhora, mas a maior parte dos pais retiram dela seus filhos, e os enviam para a de um professor italiano, de quem *vi o diploma de licença ginásial, e outros certificados de elogio dados pelas autoridades municipais italianas* [trata-se de Julio Lorenzoni]. Cada criança paga mensalmente 1 mil réis para freqüentar as aulas. *Na Linha Palmeiro há também uma escola, mantida com grandes dificuldades pelos próprios colonos. O professor chama-se Santo Bolzoni. Dele também vi os diplomas e certificados recebidos das autoridades municipais italianas.* Na verdade, é desoladora a situação destes professores. Sabem que são *mais cultos*, e mesmo assim, embora trabalhem tanto quanto os demais colonos, encontram-se na impossibilidade de fazer a menor economia. *Conseguem apenas sobreviver*, enquanto muitos de seus concidadãos, em breve tempo, conseguem um modesto patrimônio. De outro lado, como estes concidadãos jamais pagaram diretamente o professor, agora fazem dificuldades em tirar de suas duras fadigas uns 60 ou 70 francos anuais para a instrução de um filho, ou 150 francos, para quem possui mais de um.¹⁶ (grifos meus).

No ano de 1884, Pascoale Corte, também cônsul, visitou novamente as colônias e referiu-se à situação da instrução em Dona Isabel:

A colônia possui na sede uma sociedade italiana de mútuo socorro, com 85 sócios e um capital de reserva de cerca de 2 mil francos.[...] *Esta sociedade abriu uma escola italiana que conta com cerca de 60 alunos, de ambos os sexos.* Há também uma escola pública mista, mantida pelo governo e uma banda de música, organizada por

¹⁶ Id. *Ibidem*, p. 33 e 34.

diletantes italianos. *Nas várias linhas, contudo, talvez por falta de professores, a instrução é bastante descuidada, embora depois de minha visita me tenha sido prometido em diversas linhas, principalmente na Palmeiro, que serão abertas escolas, pagando os colonos uma mensalidade aos professores.*¹⁷ (grifos meus).

Outro relatório, de Eduardo de Brichanteau, de 25 de março de 1892, noticiou que existiam 7 escolas públicas, das quais 2 eram na sede e 5 nas linhas. Essas escolas, segundo ele, eram pouco freqüentadas pelos filhos dos colonos, que preferiam as italianas. Estas também perfaziam um total de 7, sendo muito freqüentadas, especialmente a da sede. Brichanteau afirmou que os alunos eram em sua maioria nascidos no Brasil, sendo apenas 7% os italianos. Na escola italiana, mantida na sede pela Sociedade de Mútuo Socorro Regina Margherita, as aulas eram gratuitas para os filhos de sócios, já que o subsídio público era suficiente para o pagamento dos professores. A Sociedade cedia o local, os móveis e arcava com pequenas despesas. Nas outras escolas étnicas, cada aluno pagava em média 500 réis mensais. Por fim, acrescentou Brichanteau que “[...] em geral os colonos desejam que as escolas italianas progridam, mas, assim como na Itália, há também aqui os que pouco se preocupam com a instrução de seus filhos.”¹⁸ Chamam atenção duas questões: uma é a oposição entre Perrod, o qual declarou que os colonos solicitavam a abertura de escolas, enquanto Brichanteau afirmou que havia, como na Itália, os que não se interessavam por elas. Outra, é o discurso sobre a preferência por escolas italianas, o que precisa ser relativizado, já

¹⁷ CORTE, Pascoale. 1884 Apud: DE BONI, Luis A. *Bento Gonçalves era assim*. POA:EST / Caxias do Sul: Correio Riograndense / Bento Gonçalves: FERVI, 1985, p. 42.

¹⁸ BRICHANTEAU, Eduardo dos Condes Compans de. 25/03/1892. Apud: DE BONI, Luis A. *Bento Gonçalves era assim*. POA:EST / Caxias do Sul: Correio Riograndense / Bento Gonçalves: FERVI, 1985, p. 66.

que a aprendizagem do português era considerada por muitos uma necessidade para a convivência / sobrevivência na ‘nova Pátria’.

Em 1903, Ciapelli, cônsul em Porto Alegre, expôs, entre outros aspectos, sobre o que ele denominou de “condições intelectuais e morais dos colonos italianos”:

[...] a instrução é escassa e descuidada. Existem, é verdade, muitas escolas, mas todas em condições didáticas e financeiras pouco satisfatórias. [...] Muitos deixaram a cidadania de origem para abraçarem aquela do novo país que vivem; mas no fundo se mantém bons italianos, se bem somos sinceramente afeitos a sua segunda pátria. Nas colônias quase todos tomam parte da vida pública, parte ocupando empregos nas administrações das comunas, na polícia, nos municípios e todos se distinguem pelo bom senso, pela lealdade e pela justa forma como atém-se ao exercício de suas funções.¹⁹

Ressaltou a precariedade das escolas mantidas na época, bem como a inserção dos imigrantes nas administrações locais, evidenciando-se os diversos processos de naturalização.²⁰

De certa forma, as escolas ditas italianas foram importantes na manutenção da língua e do culto da Itália como a pátria dos filhos dos imigrantes. Entre os anos de 1891 e 1896, assumiu como agente consular, em Caxias do Sul, Domenico Bersani, tendo sido também Inspetor Escolar oficial das escolas de língua italiana existentes na léguas que constituíam Caxias. (ADAMI, 1971, p. 22). Em Bento Gonçalves, o padre e também

¹⁹ ROMA. Bollettino dell’Emigrazione. Ministero degli Affari Esteri. Tip. Nazionale di G. Bertero, n. 04, 1903. *Lo Stato di Rio Grande del Sud (Brasile) e l’immigrazione italiana* (Da um rapporto del R. Console a Porto Alegre, Cav. E. Ciapelli, agosto de 1901).

²⁰ No Arquivo Histórico e Geográfico de Montenegro foi possível localizar, apenas no ano de 1887, 52 pedidos de naturalizações de imigrantes estabelecidos em Conde d’Eu e Dona Isabel (posteriormente Garibaldi e Bento Gonçalves). Códice 0006, AHGM.

agente consular, Giovanni Menegotto, foi, por alguns anos, inspetor escolar. A importância do professor como elemento de ligação entre os imigrantes, a cultura e língua italianas foi reconhecida pelo governo da Itália que, no final do século XIX, designou o professor-agente, com o objetivo de fazer a ligação entre os imigrantes e as autoridades consulares italianas. (DE BONI, 1985, p. 71). Umberto Ancarini e Luigi Petrocchi foram professores e agentes consulares enviados da Itália para Caxias e Bento Gonçalves. Bagé, Porto Alegre e Alfredo Chaves foram municípios que também receberam professores com formação e que assumiam a tarefa de agentes consulares concomitantemente.

Coube ao Cônsul Ciapelli coordenar os primeiros anos de trabalho dos professores e agentes consulares locais. Os jornais noticiaram a vinda:

O nosso amigo José Chiaradia, presidente da sociedade Operária Príncipe de Nápoles, recebeu um ofício do Sr. Agente Consular do Reino da Itália nesta vila, comunicando-lhe que já seguiu de Porto Alegre o Sr. Ancarini que aqui vem substituir aquele agente e exercer o cargo de professor a expensas do governo da Itália.²¹

Adiante, na seção italiana, o mesmo jornal informou:

Provimto para nossas escolas coloniais

O Régio Ministério dos Fazeres Exteriores comunicou ao Cônsul Cav. Ciapelli que partiram para a Capital [Porto Alegre] o prof. Ancarini e o Sr. Mantovani. Este será destinado para agente consular com o encargo de ensinamento em Alfredo Chaves. O prof. Ancarini será destinado do Real Consulado para a colônia Caxias.

²¹ Jornal “O Cosmopolita” – Órgão dos Interesses Coloniais. Caxias, 12 de junho de 1904, Ano II, n. 103, p. 04. Redatores diversos. Editor-proprietário: Maurício N. de Almeida. Jornal semanal, distribuído aos domingos, possuía uma seção italiana.

O mesmo Ministério informou ao Cav. Ciapelli que decidiu enviar um professor para a escola de Bagé e e um outro para a nova escola de Porto Alegre, dependente da União Meridional Vittorio Emanuele III.” [tradução minha].²²

No mês de julho de 1904, foram feitos vários anúncios pela Sociedade Príncipe de Nápoles acerca do funcionamento da nova escola italiana, que estaria em sua sede. Era destinada aos meninos e teria como professor principal Umberto Ancarini. Publicava também as disciplinas a serem ministradas:

Escola Italiana Príncipe de Nápoles

A partir do endereçamento do Cav. Enrico Ciapelli, Cônsul da Itália, que tanto preza em seu coração a instituição das escolas italianas nas colônias do Rio Grande do Sul, o Governo Italiano aderindo também ao interesse da Sociedade Operária Príncipe de Nápoles que sempre procurou para instituir uma escola italiana em Caxias, que enviava como encarregado da dita escola o Prof. Cav. Umberto Ancarini. Se traz ao conhecimento dos habitantes desta vila que no próximo mês será aberta a Escola Italiana Masculina de grau inferior e superior na sede da sociedade anteriormente nominada, que com patriótico sentimento, é seu promotor. O ensinamento compreenderá das seguintes matérias: Língua italiana. Língua portuguesa. Língua francesa. História Italiana e Brasileira. Geografia. Matemática. Geometria. Desenho. Caligrafia. Canto. Ginástica e exercícios militares. As inscrições do alunos serão recebidas todos os dias pelo Sr. Mario Marsiay secretário da Sociedade Príncipe de Nápoles.²³ [tradução minha].

²² Jornal “O Cosmopolita” – 12 de junho de 1904, Ano II, n. 103, p. 03 – seção italiana.

²³ Jornal “O Cosmopolita” – 17 de julho de 1904, Ano II, n. 108, p. 03 – seção italiana. O mesmo anúncio foi publicado novamente em 24 de julho de 1904, n. 109.

Seriam ensinados 3 idiomas, desenho, canto, ginástica, exercícios militares, entre outras matérias. Inicialmente, propunha o ensino apenas para meninos mas, no ano seguinte, a esposa de Ancarini assumiu, como ele mesmo noticiou, que a “[...] escola privada italiana feminina, foi aberta em sua própria residência pela senhora Iró Ancarini, e conta já, após 3 meses, com 18 alunas, pertencentes às melhores famílias locais.”²⁴

Além da aula diurna foi oferecida outra oportunidade para aqueles que não haviam se alfabetizado: o ensino noturno para adultos. Iniciativas inovadoras para o período, para o local e que receberam investimentos apenas anos depois por parte das autoridades locais (o ensino noturno para adultos teve investimentos posteriores por parte da Intendência de Caxias, que passou a compreender a importância de gerar oportunidades de estudo àqueles que não haviam freqüentado aulas em idade regular). Chamam atenção, também, as matérias a serem ensinadas, incluindo o desenho e o ensino de três idiomas – o italiano, o português e o francês. Em início de agosto, a Sociedade publicou novamente anúncio sobre o Curso Noturno. Para os adultos mais pobres, que desejassem aprender a leitura, houve oportunidade também. As aulas foram dadas em sábados e domingos. Ancarini ensinou a leitura da língua italiana, gratuitamente.

No entanto, mesmo mediante essas iniciativas, o número de alunos não foi muito elevado, possivelmente porque havia custos e os beneficiados eram apenas os que viviam na vila e seus arredores mais próximos. Ancarini, em relatório de 1905, relatou sobre a própria escola: “[...] na vila abriu-se há oito meses uma

²⁴ ANCARINI, Humberto. Relatório: A colônia italiana de Caxias, Rio Grande do Sul, Brasil, 1905. In: DE BONI, Luis A. (org.). *A Itália e o Rio Grande do Sul*, IV. Porto Alegre: EST, 1983, p. 57.

escola masculina italiana, com sede na Sociedade Príncipe de Napoli, contanto atualmente com 25 inscritos.”²⁵

Ancarini, nesse mesmo relatório, registrou observações pessoais sobre a instrução na Região, especialmente em Caxias. Segundo ele, o governo do Estado provia o melhor que podia a instrução nos municípios. Eram mantidas 20 escolas mistas, dispersas pelas diversas linhas, freqüentadas por alunos que não distassem mais de meia hora a cavalo do local da escola. O município de Caxias mantinha outras 4 escolas rurais, onde ensinavam a língua portuguesa. Informava que a população escolar pública era, em média, de mil alunos e que o governo fornecia gratuitamente às escolas livros e material escolar. Porém, lamentava ele: “[...] mas poucos são os pais que dão verdadeira importância à instrução e à educação. Para muitos, estas são palavras sem sentido.” A partir disso, pergunta-se: por que Ancarini afirmava isso? A justificativa para tal observação é muito interessante, já que permite pensar em qual escola as comunidades realmente desejavam. Ele registrou, na seqüência do relatório:

Na sede, mais do que em outros lugares, é perceptível a indiferença pelo estudo de nossa língua, especialmente nas donzelas e nos jovens. E não faltam os que mostram repugnância em falar italiano, considerando como humilhação o fato de falar a língua que chamam dos imigrantes. A grande maioria dos imigrantes não conhece e jamais conheceu a língua italiana. Os colonos que vivem no interior falam somente o dialeto vêneto ou mantuano; e os que vivem na sede falam dialeto e mais ainda o português, que é a língua que os permite comunicar-se com os brasileiros. [...] Os mais importantes da sede e as famílias mais abastadas utilizam

²⁵ ANCARINI, Humberto. Relatório: A colônia italiana de Caxias, Rio Grande do Sul, Brasil, 1905. In: DE BONI, Luis A. (org.). *A Itália e o Rio Grande do Sul*, IV. Porto Alegre: EST, 1983, p. 57.

cartões escritos em português – e alguns também em língua italiana – para visitas, augúrios e participações.²⁶

É perceptível que o não interesse pela escola passa pela questão da língua. Ancarini constatou que o italiano, que muitos dos imigrantes desconheciam, não era considerada, pelas novas gerações, uma aprendizagem necessária ou atrativa. Pretendiam aprender o português. De certa forma, o professor espantava-se que as identificações dos negócios da sede já traziam o letreiro em português, bem como os próprios cartões pessoais.

Ao visitar colonos nas diversas léguas, o referido professor falara com os mesmos e buscara persuadi-los da importância da escola. E constatou que

[...] muitos desejariam vivamente ter uma escola, dirigida por algum colono, para dar aos filhos um pouco de instrução. E não seria difícil encontrar nos diversos travessões alguém que se encarregasse do ensinamento do italiano, dando-se-lhe, naturalmente, uma pequena retribuição mensal, que seria paga pelos alunos. Seria preciso, também dar aos alunos um subsídio em livros, cadernos e penas e uma recompensa ao final do ano, a título de encorajamento.²⁷

Ancarini sugeriu que o governo italiano subsidiasse tais iniciativas, multiplicando a rede de escolas que ensinassem o italiano. Foi uma preocupação do professor a falta de proximidade nas relações, inclusive, comerciais da Itália com o “próspero estado sulino onde tantos compatriotas haviam se estabelecido e progrediam.”²⁸

²⁶ ANCARINI, Humberto. Relatório: A colônia italiana de Caxias, Rio Grande do Sul, Brasil, 1905. In: DE BONI, Luis A. (o rg.). *A Itália e o Rio Grande do Sul*, IV. Porto Alegre: EST, 1983, p. 56.

²⁷ Id. *Ibidem*, p. 56.

²⁸ Id. *Ibidem*, p. 57.

Em tempos já passados, registrou Ancarini, teria havido muitas outras iniciativas de escolas italianas empreendidas pelos colonos, mas que tiveram vida breve, seja pela falta de apoio ou de material escolar.

Por mais de uma vez fui convidado pelos colonos para visitar as escolas particulares desse município, onde o ensino é feito em língua italiana por colonos de ambos os sexos. São quatro escolas particulares e foram abertas por que naqueles lugares não há escolas brasileiras. Seus mestres improvisados – alguns ensinam já a (sic) 5 anos – cumprem seu ofício com dedicação e amor. Os alunos e alunas destas escolas atingem o número de 170 e, na falta de salas especiais no local, a instrução é feita na capela.²⁹

O processo escolar em Bento Gonçalves, especialmente durante o início de século XX, foi descrito em diversos relatórios elaborados por Luigi Petrocchi³⁰. Ele veio como professor subsidiado pelo Governo Italiano e serviu de agente consular no município, entre os anos de 1903 e 1909 (pelas informações obtidas). Em seu relatório de 1903, noticiou:

A nova escola italiana adquire sempre mais simpatia mesmo entre as autoridades do país. No corrente ano, na seção de

²⁹ Id. *Ibidem*, p. 57.

³⁰ “Luigi Petrocchi era natural de Pistóia, na Itália. Emigrou par ao Brasil por volta de 1900, com os dois filhos maiores, deixando a esposa e outros dois filhos em Pistóia. Além de atuar como agente consular em Bento Gonçalves, Petrocchi foi professor em uma escola do mesmo município.” IOTTI, Luiza Horn. *O olhar do poder – a imigração italiana no Rio grande do sul, de 1875 a 1914, através dos relatórios consulares*. Caxias do sul: EDUCS, 1996, p.163. Consta que após sua saída de Bento Gonçalves, Petrocchi assumiu o cargo de Vice-Cônsul em Florianópolis conforme OTTO, Clarícia. *As escolas italianas entre o político e o cultural*. IN: DALLABRIDA, Norberto (org.). *Mosaico de Escolas – modos de educação em Santa Catarina na Primeira República*. Florianópolis: Cidade Futura, 2003, p. 135.

trabalhos femininos, estavam inscritas 9 crianças filhas de brasileiros. Em 2 anos de vida, a escola deu um pouco de instrução a mais de 100 analfabetos e conseguiu obter frequência máxima mesmo de filhos de gente que sempre se mostrou cética em matéria de instrução. (DE BONI, 1985, p. 68; grifos meus).

Em outro relatório, de julho de 1904, Petrocchi considerou:

Geralmente é reconhecida a importância da escola italiana neste estado, visto que só por meio da escola mantém-se vivo o culto das memórias pátrias, cultivam-se o espírito e a mente, difundem-se a língua e a cultura italiana. O envio de outros professores-agentes, da parte do governo italiano, continua a ser vivo desejo de todos os compatriotas que vivem nos vários centros coloniais. E mesmo os brasileiros, que com justa razão querem conservar e difundir seu idioma, sua literatura e seu sentimento de nacionalidade, não se opõem a que nossos colonos enviem seus filhos à escola italiana, pelo contrário, admiram esta escola, estudam o método didático que nela é adotado e vêm assistir os exames. Deixam a cada um total e plena liberdade de manifestar seus sentimentos patrióticos, e tomam parte, sem constrangimento, nas festas de caráter italiano.(...) As escolas públicas, colocadas sob a fiscalização direta do intendente e dos conselheiros, são mantidas pelo Estado. Em todo o município há 18 escolas públicas, das quais 9 são masculinas, 2 femininas e 7 mistas. As escolas italianas, subsidiadas pelo governo da Itália com material didático, chegam a 24, somadas aqui também as que foram abertas no corrente ano. (DE BONNI, 1985, p. 71 e 74; grifos meus)

A escola italiana adquiria ‘sempre mais simpatia’, o ‘culto das memórias pátrias’, estas e outras enunciações discursivas produzidas por Petrocchi assinalam o forte vínculo com o movimento pela *italianità*, pensando na defesa e na preservação de hábitos, costumes, tradições e do idioma da Pátria-mãe. A escola

se tornou um espaço de formação e manutenção de laços afetivos, culturais, políticos e econômicos com a Itália.

Já em dezembro de 1905, Petrocchi escreveu novo relatório, afirmando que a instrução deixava muito a desejar, pois em todo o território havia apenas 18 escolas públicas brasileiras e cerca de duas dezenas de pequenas escolas italianas, dirigidas estas de boa vontade por imigrantes que, pouco se importando com sacrifícios e privações de toda a sorte, ensinavam o que sabiam e como podiam, sem ao menos terem a certeza de poderem cobrar ao final do mês o mil réis a que tinham direito.

Petrocchi registrou, em 1905, que a iniciativa de implantação da escola com ensino em italiano gerou desconfianças. Discutira-se sobre as intenções e objetivos que estavam 'por trás' do ensino e dos materiais que eram enviados pela Itália. Com o passar do tempo conquistas foram sendo obtidas, conforme os registros de Petrocchi:

Quando, em 1901, foi fundada a escola "Petrocchi" na vila de Bento Gonçalves, alguns procuraram obstaculizá-la de todas as maneiras, porque suspeitavam que nos auxílios que o governo italiano lhe garantiria supunham esconder-se alguns fins políticos ocultos. Afirmavam que a existência de escolas italianas no Brasil era um grande empecilho para a formação e afirmação mais vigorosa da nacionalidade brasileira. Duvidavam que a nacionalidade e a soberania brasileira não viessem a ser abaladas pelo ensinamento da história e de línguas estrangeiras ministrado aos filhos de colonos italianos. Para eles, não se deveria estudar nada além da língua portuguesa. Em pouco tempo os temores desapareceram. *Ninguém mais tentou opor-se à escola italiana, quando se percebeu que ela não era um foco de política hostil, mas um local onde se ensinava a amar a pátria de origem e a de adoção. Tal escola, juntamente com as outras, respondia à missão regeneradora da juventude*, a qual, sem instrução, acabaria por viver uma existência brutalizada e não constituiria um povo orgulhoso de bom nome de sua pátria de origem. (DE BONI, 1985, p. 113).

A ‘prática regeneradora da juventude’ a que Petrochi se referiu foi uma preocupação constante nos relatos das autoridades consulares italianas. Trata-se de um viés biológico, de considerar a necessidade de preservação da raça. “Gente sã, bem nutrida e satisfeita” escreveu Antonelli em 1899.³¹ Aliavam o argumento da superioridade racial com o viés do trabalhador ordeiro e disciplinado, o responsável pelo desenvolvimento econômico da Província, como escreveu Perrod em 1883: “[...] as colônias italianas são o futuro e a única âncora de salvação para a prosperidade e progresso desta Província.”³²

No ano de 1905, o Cônsul Chiapelli afirmou que o Governo Brasileiro aumentava o número de escolas, mas não podia atender as necessidades de todos os centros. Destacou que os professores públicos, por causa da diferença de língua e de índole, não tinham condições de melhorar a intelectualidade e a moralidade do ambiente. Por fim, aconselhou:

Seria interessante, portanto, fundar escolas italianas, e trazer da Itália professores honestos e capazes, aos quais se poderia confiar também as funções de agentes consulares, contribuindo assim também para a proteção dos concidadãos além da sua instrução. Foi feita experiência neste sentido a qual deu bons resultados; parece que foi decidido levá-la a outras localidades. Seria utilíssimo também fundar mais escolas para crianças.³³

³¹ ANTONELLI, Conde Pietro (Ministro Real no Rio de Janeiro). O Estado do Rio Grande do Sul e a imigração italiana. In: DE BONI, Luis A. (org.). *A Itália e o Rio Grande do Sul*, IV. Porto Alegre: EST, 1983, p. 11.

³² PERROD, Enrico. Le colonie brasiliane Conde d’Eu e Dona Isabela, 1883. Apud: DE BONI, Luis A. *Bento Gonçalves era assim*. POA:EST / Caxias do Sul: Correio Riograndense / Bento Gonçalves: FERVI, 1985, p. 15.

³³ CIAPELLI, Enrico. *Lo stato di Rio Grande del Sud*. Relatório do Cav. Enrico Ciapelli, Cônsul em Porto Alegre – 1905, p. 954.

No parecer de Chiapelli, era necessário investir mais na abertura de novas escolas italianas bem como difundir a presença de professores-agentes, como tinha sido o caso de Luigi Petrocchi, de Bento Gonçalves. Evidencia-se em seus registros a perspectiva de uma hierarquização das etnias pois menospreza as iniciativas públicas, retratando-as como menos capazes de ensinar, de moralizar e de educar para a retidão.

Outro relatório em que são esclarecidas e avaliadas as iniciativas escolares no Rio Grande do Sul é de 1908, escrito por De Vellutis, também Cônsul em Porto Alegre. No capítulo nove de seu relatório afirmou serem:

[...] numerosas as escolas italianas no Rio Grande do Sul. Somente nas Colônias Caxias, Bento Gonçalves, Guaporé, Antonio Prado, Alfredo Chaves e Garibaldi há cerca de cinqüenta e cinco, além de haver quatro em Porto Alegre, uma em Pelotas, uma em Bagé, e outras em Silveira Martins, Jaguarão, Vila Rica, Cruz Alta, etc.³⁴

É questionável a consideração de que eram numerosas as escolas italianas se observada a dimensão espacial à qual o Cônsul se referiu. Na continuidade, considerou serem cerca de 80 as escolas providas de livros e materiais escolares. Muitas das escolas das sedes ou centros urbanos eram mantidas pelas Associações Italianas que forneciam o local, os móveis e os utensílios necessários à escola. Registrou que, com esforço, muitas comunidades rurais mantinham suas pequenas escolas italianas, remunerando parcamente os professores, os quais “[...] eram mais pobres do que eles (pessoas da comunidade)”.³⁵

³⁴ *O Estado do Rio Grande do Sul e a Crise Econômica durante o último quinquênio* – Extraído do Relatório do Cav. Francesco De Velutiis, Régio Cônsul de Porto Alegre, fevereiro de 1908. p. 348 a 350.

³⁵ *Id. ibidem*, p. 348 a 350.

Mesmo afirmando que as escolas italianas eram numerosas, que os compatriotas tinham amor às mesmas, reconhece que elas enfrentavam dificuldades pois as escolas públicas, gratuitas e com ensino em português eram mais procuradas e solicitadas. Da mesma forma, classificava como invasão o estabelecimento por parte de congregações religiosas, especialmente destacando as Irmãs francesas (e aí está uma questão étnico-religiosa), que acolhiam gratuitamente alunos pobres, fazendo grande concorrência. No mesmo relatório, De Vellutis ainda destacou que:

De acordo com sua importância, disciplina e método, são dignas de destaque as três escolas dirigidas pelos professores-agentes, em Bento Gonçalves (Escola Petrocchi), em Porto Alegre (Vitório Emanuele III) e em Pelotas (Escola das Sociedades Reunidas), as quais podem servir de modelo às outras. Os dois mestres-agentes que moravam em Porto Alegre e Pelotas foram agora transferidos para Caxias e Santa Maria onde fundaram outras duas escolas.

As Sociedades Italianas são mais de quarenta. [...] Há outras que mantém escolas italianas como a Umberto I, a Elena de Montenegro, a Vitório Emanuele III e a Giovanni Emanuel, em Porto Alegre, as Sociedades Reunidas em Pelotas, a Príncipe di Napoli de Caxias, etc.³⁶

Em 1912, Beverini, Cônsul em Porto Alegre, relatou que, ao visitar as colônias, encontrara muitas localidades sem escolas públicas, onde os colonos unidos haviam fundado escolas próprias, tendo como professor um deles, o que melhor sabia ler, escrever e fazer cálculos.

Tive oportunidade de visitar muitas destas escolinhas e senti-me satisfeito com seus resultados; notava-se o zelo

³⁶ Id. *ibidem*, p. 348 a 350.

do mestre que se sentia lisonjeado por ter sido escolhido para tal encargo e notei grande freqüência por parte dos alunos, já que os colonos fundaram a escola e possuíam justo amor próprio de conservá-la.³⁷

Progressivamente as pequenas escolas isoladas e as mantidas pelas associações iam sendo fechadas. Desde 1889, em Roma, havia sido criada a Associação Dante Aligheri, com a liderança de Giacomo Venezian. Sua criação aconteceu em momento político em que a Itália, sob a liderança do Ministro Crispi, buscava modernizar a diplomacia italiana e difundia a perspectiva de que mantendo-se vivo o sentimento italiano, através da instrução e da educação, seria possível obter vantagens comerciais junto aos emigrados estabelecidos em diferentes países.³⁸ Sobre a Sociedade Dante, Otto escreveu:

[...] a mais antiga e a mais difusa sociedade leiga nascida com o objetivo de 'exportar a italianidade' nas localidades de imigrantes italianos, em todos os continentes. Sua finalidade prioritária era tutelar e 'difundir a língua e a cultura italiana fora do Reino', principalmente através de escolas italianas no exterior.[...] Incentivava e colaborava na fundação de bibliotecas populares, divulgava livros e promovia conferências. (OTTO, 2003, p. 117 e 118).

Importante salientar que, nos núcleos coloniais em estudo, houve, em Caxias, no ano de 1915, uma ação coordenada

³⁷ MINISTERO DEGLI AFFARI ESTERI – Commissariato dell'emigrazione Bollettino dell'Emigrazione (pubblicazione mensile). Anno XII, n. 10, 15 de agosto de 1913. *Nella zona coloniale agricola del Rio Grande del Sud (Stati Uniti del Brasile)* Appunti e osservazioni del Cav. G. B. Beverini, Cônsul de Porto Alegre, abril de 1912, p. 1060 e 1061.

³⁸ Sobre as relações da diplomacia italiana com o Brasil, especialmente no período de Crispi veja-se CERVO. Amado Luiz. *As relações históricas entre o Brasil e a Itália: o papel da diplomacia*. Brasília: editora da UNB; São Paulo: Instituto Italiano de Cultura, 1992.

pelo Comitê local da associação Dante Alighieri. Tratava-se da fundação de uma escola italiana na sede:

Presentes os senhores Dr. Vincenzo Bonancini e Adalgiso Zanellato foi inaugurada na segunda-feira a escola de italiano, criada pelo Comitê Dante Alighieri desta cidade. O Cav. Beverini, Régio Cônsul da Itália entregou à escola numerosos livros e cadernos. Nossas felicitações e sinceros aplausos.³⁹

As aulas iniciaram em 15 de março, tendo como professora Amália Bancalari. As inscrições eram feitas na redação do jornal *Cittá de Caxias* e junto à farmácia D'Arrigo.⁴⁰ Não foi possível localizar outros indícios, seja do funcionamento de tal escola ou de outras iniciativas do Comitê Dante Alighieri em Caxias ou na Região em estudo.

O progressivo fechamento das escolas étnico-comunitárias na Região Colonial Italiana

Se, ao final do século XIX, “[...] tínhamos também escolas italianas, com público significativo, em Alfredo Chaves, Antônio Prado, Bagé, Bento Gonçalves, Caxias, Encantado, Estrela, Garibaldi, Guaporé, Jaguarão, Lajeado, Pelotas, Porto Alegre, Silveira Martins.”(2000, p. 93), como constatou Maestri, ao longo da primeira década do século XX essas aulas foram desaparecendo. Isso ocorreu pela dificuldade dos pais manterem o investimento (em especial pelo elevado número de filhos), pelo crescimento de ofertas de escolas de outras modalidades ou pela própria desistência do professor mediante as parcas remunerações

³⁹ Publicação de 12/02/1915, do Jornal *Corriere d'Itália*, de Bento Gonçalves. Museu Histórico Casa do Imigrante.

⁴⁰ Publicação de 10/03/1915, do Jornal *Corriere d'Itália*, de Bento Gonçalves. Museu Histórico Casa do Imigrante.

(o que por vezes era feito em espécie – feijão, trigo, milho...) e, também, por opção dos imigrantes pela escola pública. Para Giron, “[...] na década de 1920, das escolas italianas poucas sobreviviam em alguns municípios da região colonial, porém em vias de extinção, sendo mal vistas pelo governo estadual e mal assistidas pelo governo italiano.” (GIRON, 1998, p. 92).

Outro elemento a ser considerado, em se tratando das escolas étnicas nos anos de 1920, é a propaganda fascista, inclusive com o envio de professores comprometidos com os fascios italianos. Entretanto, numericamente as escolas italianas já eram em número bastante reduzido. Consoante o estudo de Giron, no momento em que o fascismo se preparava para modernizar o ensino que seria destinado a preparar as populações dos núcleos coloniais italianos para as necessidades do regime fascista, as condições para o funcionamento das escolas deixavam de existir. No ensino, conclui Giron, “[...] pouco ou nada conseguiu realizar o fascismo na região colonial”. (GIRON, 1994, p. 104). Considerando que “o papel da escola ‘italiana’ foi muito importante na manutenção da língua e do culto da Itália como a pátria dos filhos dos imigrantes”, essas aulas étnicas, ensinando em língua italiana, tiveram vida curta. Os professores, no final do século, naturalizaram-se e passaram a lecionar nas escolas públicas. (GIRON, 1994, p. 58).

Cabe ainda ressaltar que a campanha de nacionalização ocorreu desde a Primeira Grande Guerra, o que motivou o Estado a incentivar a supressão dessas escolas étnicas e a expandir o ensino público gratuito. A presença das escolas confessionais particulares; a inexistência de recursos para manter as escolas, seja por parte do governo italiano que contribuía apenas com o material escolar, ficando o pagamento dos professores a cargo das mensalidades pagas pelos alunos, seja por parte dos pais; a baixa qualidade de ensino já que apenas as noções rudimentares de leitura, escrita e aritmética eram trabalhadas, sendo que, quando havia o ensino da história e da geografia, eram os da Itália apenas

os ensinados, são fatores que, considerados no conjunto, permitem compreender a curta duração da maioria das escolas étnicas italianas. (GIRON, 1994, p. 100).

Sabe-se que a partir dos anos de 1920 as escolas étnicas italianas foram sendo progressivamente passadas para escolas públicas sendo que em 1938, quando da nacionalização compulsória, as mesmas já não tinham importância expressiva.

Referências

ADAMI, João Spadari. *História de Caxias do Sul: 1864-1970*. 2ª. ed. Caxias do Sul: Paulinas, 1971.

BUCCELLI, Vitório. *Um viaggio a Rio Grande del Sud*. Milão: Palearini, 1906.

DE BONI, Luís A. *A Itália e o Rio Grande do Sul – IV. Relatório de autoridades italianas sobre a colonização em terras gaúchas*. Porto Alegre: EST / Caxias do Sul: UCS, 1983.

DE BONI, Luis A. *Bento Gonçalves era assim*. POA:EST / Caxias do Sul: Correio Riograndense / Bento Gonçalves: FERVI, 1985.

GIRON, Loraine Slomp. *As Sombras do Littorio: o fascismo no Rio Grande do Sul*. POA: ed. Parlanda. 1994.

GIRON, Loraine Slomp. Colônia Italiana e Educação. In: *Revista História da Educação*. Pelotas: UFPel, n.º 3, vol. 2, set. 1998.

KREUTZ, Lúcio. A Nacionalização do Ensino no Rio Grande do Sul: medidas preventivas e repressivas. In: *Fronteiras: Revista Catarinense de História*. Santa Catarina: UFSC / ANPUH-SC, n. 13, 2005.

KREUTZ, Lúcio. Imigrantes e projeto de escola pública no Brasil: diferenças e tensões culturais. In: *Educação no Brasil: história e historiografia*. Sociedade Brasileira de História da Educação (org.). Campinas: Autores Associados, 2001.

LORENZONI, Júlio. *Memórias de um imigrante italiano*. Tradução Armida Lorenzoni Parreira. Porto Alegre: Sulina, 1975.

OTTO, Clarícia. As escolas italianas entre o político e o cultural. In: DALLABRIDA, Norberto (org.). *Mosaico de Escolas – modos de educação em Santa Catarina na Primeira República*. Florianópolis: Cidade Futura, 2003.

SCHNEIDER, Regina Portela. *A instrução pública no Rio Grande do Sul (1770 - 1889)*. Porto Alegre: ed. Universidade/UFRGS/EST edições. 1993.

Terciane Ângela Luchese é doutora em Educação pela Unisinos e professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: taluches@ucs.br ou terci@terra.com.br

Lúcio Kreutz é doutor em Educação pela PUC/SP, bolsista de Produtividade em Pesquisa pelo CNPQ e professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: lkreutz@terra.com.br

Recebido em: 10/03/2009

Aceito em: 20/12/2009